

# O FENÔMENO DA REPETIÇÃO NAS DISFLUÊNCIAS COMUM E GAGA

Mariane Carvalho Vischi<sup>1</sup> (UNESP/FCLar)

mazicarvalho@bol.com.br

## INTRODUÇÃO

É comum considerarmos qualquer fenômeno que destoa da normalidade da fala como disfluente, por isso, a dificuldade em classificá-lo. Jakubovicz (1992) diz que a disfluência pode ser de quatro tipos: a não fluência normal, a gagueira, a disprosódia orgânica e a taquilalia. A não fluência normal ocorre, segundo ela, entre outras coisas, devido à repetição das palavras e sintagmas e à prolongação esporádica dos sons. No segundo tipo de disfluência, há alteração na frequência e os prolongamentos são mais significativos, além de haver um número maior de repetições e posições articulatórias fixas do que o normal. A disprosódia orgânica, por sua vez, diz respeito à desorganização da fala e da linguagem e está ligada a fatores neurológicos. Por fim, a última disfluência é um problema relacionado a uma disfunção no sistema nervoso central, sendo identificada por um ritmo de fala mais acelerado do que o normal, pela incompreensão da linguagem e pela alteração na sequência de sons.

Entre os eventos mencionados, nos concentraremos, para este trabalho, no estudo da não fluência normal e da gagueira. Por se tratar de dois eventos disfluente, eles serão denominados de disfluência comum e disfluência gaga.

Como o próprio nome diz, a não fluência normal ou disfluência comum é um fenômeno que, a não ser por uma fala mais acurada, ocorre normalmente na fala. Não existe fala completamente fluente, isto é, livre de hesitações, pausas, bloqueios, repetições, entre outros. A não ser uma fala decorada, planejada, não se pode afirmar que a linguagem do cotidiano seja livre de oscilações, interrupções ou de qualquer outro tipo de desvio. A disfluência gaga, por sua vez, apresenta eventos que são mais expressivos na fala, isto é, ocorre com mais frequência durante o discurso.

O que temos, portanto, são dois tipos de disfluência que, apesar de apresentarem diferenças comunicativas, não apenas fonéticas, em graus diferentes, não são eventos completamente distantes entre si. Isso porque, fenômenos que normalmente ocorrem na fala de pessoas sem patologia, também acontecem na fala de pessoas gagas. De acordo com Carneiro e Scarpa (2012: 156) os fenômenos linguísticos caracterizadores da fluência ou da disfluência “indicam diferentes relações do sujeito com a língua, pois ambos são partes do funcionamento da fala, já que estão presentes em falas gagas e não gagas”.

Dessa maneira, a proposta deste trabalho é mostrar que dentro da heterogeneidade surge a singularidade (cf. Carneiro e Scarpa 2012). Isso será feito a partir da análise acústica da repetição (RP) na disfluência comum e na disfluência gaga, de modo a observar as particularidades desse fenômeno em cada um dos dois tipos de fala. Neste momento, nossa intenção é mostrar que não existe fala completamente fluente, uma vez que a disfluência é parte integrante da linguagem, “atividades da língua” (Scarpa e Fernandes-Svartman, 2012: 30).

Este trabalho é relevante para a área da linguística, formando um *corpus* específico, para a área da fonoaudiologia, esclarecendo tipos de disfluências e suas

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro concedido.

ocorrências e para a área da educação, ajudando professores a conhecer melhor a fala de alunos com disfluências e gagueiras.

Também é importante ressaltar o propósito linguístico do trabalho. Mesmo assim, vale lembrar que os estudos feitos a partir de considerações patológicas, sociais e comportamentais não foram deixados de lado, mas sim tomados como ponto de referência para um melhor conhecimento do tema.

## 1. DOIS TIPOS DE DISFLUÊNCIA

De acordo com Cruz (2009), o interesse dos estudos linguísticos sobre a gagueira teve início na língua inglesa, na segunda metade do século XX, a partir dos estudos do funcionamento cerebral e do processamento da linguagem por indivíduos gagos. Contudo, as abordagens prosódicas da gagueira só ganharam força nos anos 70 do século XX. O primeiro trabalho que tratou da fluência na língua inglesa, mostrando que o discurso normal está repleto de hesitações foi o de Goldman-Eisler (1968), conforme Cruz (2009). Depois dele, os trabalhos subsequentes já começaram a tratar o fenômeno a partir da gagueira e não de uma disfluência.

Tradicionalmente, a fala é caracterizada como normal quando, segundo Jabuckovicz (1992), não há oscilações, inserções ou esforço muscular durante o seu fluxo contínuo. Por outro lado, quando há um rompimento involuntário desse padrão, temos o que se chama de disfluência, que pode ser comum ou gaga. Spinelli (1983, p. 99) diz que a gagueira caracteriza-se por fenômenos linguísticos como “[...] *repetições* de sílabas, palavras ou conjunto de palavras, *prolongamentos* de sons, *hesitações* e *bloqueios*”.

Guitar, (2006 *apud* Cruz 2009) diz que o ritmo e uma velocidade lenta, que não são normais, também podem caracterizar um indivíduo como não fluente, mas não necessariamente como gago, uma vez que a gagueira caracteriza-se, entre outras coisas, por meio da frequência e/ou duração de interrupções que não se apresentam como normais durante o fluxo discursivo.

Frequentemente, a gagueira vem associada a questões emocionais. Muitas pesquisas afirmam que há um aumento nos desvios de fala quando o gago fica nervoso ou passa por situações de estresse. Porém, relacionar o aumento da disfluência gaga a questões sentimentais, como situações emotivas, momentos de insegurança ou ansiedade, apesar de ser uma afirmação muito comum e popularmente difundida, é um argumento que deve ficar no passado. De acordo com Carneiro e Scarpa (2012), essas asserções devem ser tratadas simplesmente como algo imaginário, que nasceu devido a uma tentativa de homogeneização dos sujeitos.

Não se pode falar em disfluência comum sem antes tratar da fluência, uma vez que a primeira depende da última. Os falantes são, a todo o momento, interrompidos por alguma desorganização no discurso, seja ela intencional ou não. Scarpa (1995) diz que a disfluência não tem sido tão valorizada por parte dos linguistas, sendo os estudos sobre sua definição, limites e critérios de avaliação deixados a cargo dos profissionais da área médica, como fonoatras e fonoaudiólogos. Segundo Scarpa, esses profissionais viram a necessidade de aprofundar os estudos sobre a fluência, em função da análise da sua contraparte, a gagueira. A definição de fluência passou a ser tomada a partir do seu lado negativo: "fluência é melhor definida como uma unidade de resposta *destituída de disfluências, prolongamentos e pausas*" (Hedge, 1978 *apud* Scarpa, 1995, p. 2, grifos da autora

De um modo geral, a fluência é entendida como aquela em que a linguagem flui normalmente, sendo facilmente compreendida pelo ouvinte. Em outras palavras, é o fenômeno em que os elementos segmentais e suprasegmentais realizam-se em

conformidade com os padrões prosódicos (Abercrombie, 1967). Quando ocorre uma ruptura nesses padrões, temos o que se denomina disfluência, que pode ser comum ou gaga.

De acordo com Merlo (2006), a fala fluente distingue-se da não fluente por apresentar baixa frequência de oscilações, hesitações, reformulações, maior habilidade gramatical e menor complexidade semântica, além de uma facilidade de emissão e taxa de elocução confortável.

Koch (2007) também explica que as disfluências (falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, entre outras) devem-se a situações de interação entre o falante e o interlocutor. Segundo ela, no texto falado, há uma “co-produção discursiva” entre os interlocutores, que cooperam, “co-negociam” e “coargumentam” durante a produção do texto falado. Nessa interação, Koch explica que ocorrem pressões pragmáticas, que se sobrepõem às normas da sintaxe. Então, é nesse momento que ocorre o que chamamos de disfluência comum. Segundo a autora, esses fenômenos são de extrema relevância e apresentam funções cognitivo-interacionais.

As disfluências podem ser intencionais ou não. Quando nos referimos à sua intencionalidade, levamos em consideração o que Jakobson (1995) denomina de caráter fático da linguagem, que tem como função principal testar o canal, prolongar ou interromper a conversação. Portanto, são significativas no discurso. Já como estratégias discursivas (no nosso caso disfluência comum) não intencionais (marginais) refletem as dificuldades de planejamento. Quando elas ocorrem, não há nenhuma alteração significativa nos elementos disfluentes. Elas simplesmente acontecem. Nesse caso, a nossa hipótese é a de que, nesse momento, pode ter ocorrido um erro de programação antes da articulação da produção das sílabas (CAGLIARI, 2007, p. 141). Em relação aos gags, na maior parte das vezes, a disfluência ocupa uma posição marginal, ou seja, não ocorre aleatoriamente no discurso, devendo-se, assim, a algum problema durante a articulação dos sons.

Quando falamos na marginalidade das disfluências gagas, nossa intenção não é passar uma visão negativa, ou descartar esse fenômeno da fala, posição comumente atribuída às disfluências. Pelo contrário, a marginalidade aqui está relacionada justamente a não intencionalidade de ocorrência das disfluências na fala. Em outras palavras, relacionamos a marginalidade a um problema de produção, isto é, o que está à margem da articulação e, ainda, a uma quebra na estrutura rítmica. Pois, como afirma Scarpa (2014: 4), “a interpretação de que marcas de disfluência sejam erros, enganos, ou estejam ‘fora da língua’ é equivocada”.

## 2. A REPETIÇÃO

Esse fenômeno refere-se a qualquer repetição não intencional de um segmento. A sucessividade desse segmento pode ocorrer em palavras isoladas ou em sequência, e em parte de palavras, como fone ou sílaba.

Para Koch (2009) a repetição caracteriza-se por ser uma estratégia de estruturação do texto falado, estando constantemente presente na conversação do cotidiano.

Segundo Tannen (apud KOCH, 2009: 123) existe uma tendência humana universal “para imitar e repetir”. Ao citar Freud, Tannen diz que essa estratégia discursiva caracteriza-se por uma ‘fonte de prazer’. Para Tannen, a repetição não é algo cansativo, mas, pelo contrário, está relacionada à emoção. Para Koch (2009: 124) a autora foi ao ponto fundamental, uma vez que nós

Gostamos de repetir provérbios, frases feitas, trechos de canções famosas, slogans políticos ou publicitários, palavras, expressões ou enunciados inteiros que são constantemente pronunciados por artistas de TV.

Para Koch (2009), as repetições são essenciais, seja em situações formais ou rituais, seja em situações quotidianas, como, por exemplo, nas formas de agradecimento. Entre suas inúmeras características, elas podem ser intencionais ou não, e caracterizam-se por ser um recurso utilizado com o propósito de ganhar mais tempo durante o planejamento da fala, retomar a enunciação, garantindo assim a sua continuidade.

Entre os tipos de repetições citadas por Koch (2009), nos interessa, neste trabalho, tratar do que ela denomina de “auto-repetição”. Essa repetição é produzida pelo mesmo falante, por exigências de ordem cognitivo-interacional. Pode ser direcionada ao próprio falante, ao interlocutor ou a ambos. Quando a repetição está orientada ao falante, ela apresenta três funções: 1) ganhar tempo para o planejamento de fala; 2) garantir a posse de fala e 3) simplificar a produção discursiva. Koch (2009: 134-135) diz que elas ocorrem com mais frequência: a) após um falso começo ou como preenchedoras de pausas; b) fazendo ponte em uma interrupção, provocada, por exemplo, por um pedido de esclarecimento do interlocutor e c) com a finalidade de substituição ou correção da formulação inicial.

As concepções sobre as estratégias discursivas abordadas por Koch (2009) no texto falado são importantes para o estudo da disfluência comum, pois confirmam a sua constituição na fala de todas as pessoas.

### 3. MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 Dados dos informantes

Para este trabalho apresentaremos os dados obtidos para um informante gago e um não gago<sup>2</sup>. O parâmetro idade e sexo não foram levados em consideração. Os falantes analisados são identificados por CR (informante do sexo masculino que não apresenta distúrbios de fala) e PA (informante do sexo masculino e portador de gagueira).

Devemos salientar que os diferentes graus de gagueira, que vão desde a disfluência comum até graus mais avançados, relatados pela literatura especializada (Guitar, 2006), não foram levados em consideração para a gravação. Apenas levamos em conta o fato de o informante ser ou não portador do desvio de fala.

Os dois informantes são falantes nativos do português brasileiro. Esse é um fato relevante, uma vez que, são poucos os estudos, no campo linguístico, em língua portuguesa, que fizeram uma comparação entre esses dois tipos de fala. Quanto ao dialeto, os dois indivíduos são falantes do dialeto mineiro.

Quanto à idade e escolarização, o informante sem distúrbios de fala tem 48 anos e ensino médio completo. Já o informante gago tem 18 anos e ensino médio incompleto.

Para saber se o informante gago era portador ou não da patologia, a pesquisadora recebeu a ajuda de um fonoaudiólogo que já havia tratado do informante com o desvio de fala. Quanto ao informante não gago, foi perguntado se ele possuía

---

<sup>2</sup> Este trabalho apresenta um pouco do que vem sendo desenvolvido pela pesquisadora na sua tese de doutorado. O trabalho de doutorado conta com um *corpus* de seis informantes gagos e seis não gagos. No entanto, devido à fase inicial da pesquisa, apresentamos uma análise parcial dos dados obtidos para dois informantes, sendo um com disfluência gaga e outro não gago.

alguma dificuldade na fala ou se já havia sido diagnosticado com algum distúrbio de fala. O informante não se referiu a nenhuma dificuldade ou desvio de fala.

### 3.2 Coleta de dados

Os dados foram registrados com um minigravador de voz digital, com microfone embutido, da marca Sony (modelo ICD-PX312). A gravação do *corpus*, para o informante gago, foi processada na clínica de uma fonoaudióloga. Quanto aos informantes não gagos, as gravações foram realizadas em ambientes com o mínimo de ruído possível, para não interferir na qualidade do áudio.

Os sujeitos não receberam informações sobre o que deveriam fazer. Depois de terem lido o Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE), explicamos a eles o objetivo da pesquisa. Depois disso, procuramos estimular os sujeitos a falarem sobre assuntos pessoais, com o objetivo de possibilitar a maior presença de desvios na fala e obter um *corpus* de fala semiespôntanea.

As gravações foram processadas acusticamente com o software PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (1992-2014, versão 5.3.70), do Institute of Phonetic Sciences (University of Amsterdam), acesso disponível gratuitamente em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. E, em seguida, foram analisadas auditivamente pela pesquisadora.

Seguido disso, o texto falado foi segmentado em enunciados correspondentes aos grupos tonais, e de acordo com os eventos de interesse (nesse caso repetição). Para o informante CR, o texto falado foi segmentado em 34 enunciados e para o informante PA, em 38. Os enunciados são correspondentes aos grupos tonais<sup>3</sup> (GTs) (cf. Halliday, 1970, Cagliari, 2007). Também foi feita uma transcrição ortográfica que melhor se aproximasse da pronúncia dialetal dos informantes.

### 3.3 Dados da análise acústica

Para a análise acústica, a nossa intenção é analisar como o fenômeno da repetição aparece nos dois tipos de fala. A repetição é um fenômeno que ocorre tanto na fala normal (caracterizada por apresentar disfluência comum) quanto para informantes com gagueira. Desse modo, a nossa hipótese consiste no fato de que esse fenômeno não seria suficiente para diferenciar uma fala da outra<sup>4</sup>. Por isso, a análise que será apresentada tem o objetivo de observar a individualidade desse fenômeno nos dois tipos de fala, a fim de chegarmos (ou não) a uma possível diferenciação entre elas.

Para este momento, fizemos uma análise acústica da intensidade e duração dos segmentos. A intensidade foi medida na transição dos segmentos, no início e fim do evento disfluente e a sua intensidade máxima. A intensidade máxima é gerada através do comando *intensity > get maximum intensity*. Já para a análise da intensidade na transição de um evento para o outro e transição final, o método consistiu em clicar sobre uma dessas posições e selecionar a tecla F8 do computador. A transição da intensidade foi anotada de um evento fluente para um disfluente e entre eventos disfluente. Também foi anotada a duração desses eventos. Para a análise da duração o

---

<sup>3</sup>A diferença entre grupos tonais não influenciou na análise. Isso ocorreu, porque o informante PA apresentou mais momentos de disfluência do que o informante CR. E. Além disso, como estamos trabalhando com um *corpus* de fala semiespôntâneo, fica difícil controlar e estipular o tempo de duração da gravação.

<sup>4</sup>O trabalho de doutorado também mostra que os outros fenômenos caracterizadores da disfluência comum e da disfluência gaga, como pausas, bloqueios, hesitações, entre outros, não são suficientes para diferenciar uma fala da outra, já que o que ocorre em uma fala, também pode ocorrer na outra.

procedimento consiste em selecionar o fenômeno, e a partir disso, o programa exibe a informação desejada que aparece em cima do espectro.

#### 4. DISCUSSÃO

##### 4.1 Análise dos dados: intensidade e duração

A entrevista semiespontânea feita para CR resultou em 34 enunciados com presença de disfluência. Já para PA foram 38, como mencionamos. Entre essas disfluências (comum e gaga) foram encontradas pausas, bloqueios, alongamentos, correções, repetições, entre outros. No entanto, nos concentraremos na análise comparativa das repetições para os dois informantes. As repetições ocorreram para palavras (monossílabas, dissílabas, entre outras), sílabas em início de palavra e vogais. Outro tipo de repetição observada foi a que denominamos de repetição de estrutura (doravante RP<sub>e</sub>). Nesses casos, o informante repete não apenas uma palavra, sílaba ou vogal, mas sim um período completo do enunciado, bem como “*daí eu to daí eu to*”.

É importante salientar que a RP não ocorreu apenas como um evento isolado, ou seja, juntamente com esse evento ocorreram outros. Nesse caso, principalmente para o informante gago PA. Denominamos esse tipo de evento como repetições complexas. Os eventos observados nesse contexto foram a pausa, a inserção e o bloqueio. A pausa é um dos fenômenos prosódico mais utilizado para a demarcação dos GTs. De acordo com Cagliari (1992), a sua função é destacar os grupos tonais e sinalizar como os interlocutores devem interpretar o que o outro diz. Cruttenden (1986) diz que elas podem ser preenchidas ou não (nesse caso o silêncio). As pausas preenchidas, na maioria das vezes, dizem respeito aos fenômenos de hesitação em um enunciado. No entanto, para este trabalho denominamos esses eventos de inserções. As inserções caracterizam-se, normalmente, por serem marcas linguísticas que têm a função de desacelerar o texto falado (Souza e Silva; Koch, 2002). Merlo, referindo-se a Chafe (1980), diz que elas acontecem porque o texto falado não está pronto, sendo um ato de criação que se apresenta pouco familiar ao sujeito. Elas caracterizam-se por serem fones de preenchimento, variando de acordo com a língua (Merlo, 2012). Por fim, de acordo com Merlo (2006), o bloqueio diz respeito a uma posição articulatória fixa, que leva à obstrução temporária de um enunciado. Para este trabalho iremos analisar apenas o que consideramos repetições simples, isto é, que ocorrem somente como repetição de vogal, palavra ou sílaba, sem envolver pausas, bloqueios ou inserções. As RPs complexas serão identificadas abaixo apenas para efeito de representação.

Para CR, em 34 enunciados ocorreram 15 RPs, sendo:

1. duas repetições para vogal isolada (simbolizada por RP<sub>v</sub>), ou seja, fora de palavra, sendo uma RP<sub>v</sub> dupla e a outra tripla;
2. nove repetições de palavras monossílabas (simbolizada por RP<sub>p</sub>), sendo apenas uma repetição tripla de palavra, como por exemplo “num num num” e as outras duplas, como “da da”;
3. duas repetições duplas de palavras dissílabas (simbolizada por RP<sub>p2</sub>), como por exemplo, “eli eli”;
4. Ocorreu, ainda, duas RPs complexas. Na primeira delas ocorre uma RP tripla em palavra trissílaba. No entanto, a segunda palavra repetida é incompleta, “aquele aquele”. Na segunda, acontece uma repetição tripla em palavra monossílaba, ocorrendo uma pausa (simbolizada por [ ] ) entre a primeira e a segunda RP “foi [ ] foi foi”<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> As nomenclaturas utilizadas para o informante CR foram as mesmas utilizadas para PA.

Para o informante PA, em 38 enunciados com disfluência gaga ocorreram 33 eventos com RPs. Desses eventos encontramos:

1. três repetições com vogal isolada, sendo uma dupla e duas quádruplas;
2. quatro repetições duplas de palavra monossílaba;
3. três repetições tripla de palavra monossílaba;
4. uma repetição dupla de palavra dissílaba;
5. uma repetição quádrupla de palavra monossílaba;
6. uma repetição inicial de sílaba em palavra dissílaba;
7. seis repetições de estrutura;
8. uma repetição de estrutura com palavra incompleta “*i ac i academia*”;
9. três repetições de vogal com pausa entre as produções;
10. duas repetições de palavra com pausa entre as produções;
11. duas repetições de sílaba inicial incompleta, sendo uma palavra trissílaba “*ci ciumenta*” e a outra monossílaba “*ma mais*”;
12. três repetições com inserção, sendo uma repetição de vogal e duas de palavras “*daí i daí*”;
13. três repetições com bloqueio

Em relação à análise da duração, obtivemos os seguintes resultados para CR:

Tabela 1 – Os tipos de repetição ocorridos para CR com as suas respectivas durações.

<b>Tipo de repetição</b>	<b>Duração</b>		
2RP <sub>v</sub> a a	0.370	0.140	
2RP <sub>p</sub> pra pra	0.284	0.185	
2RP <sub>p</sub> pra pra	0.420	0.130	
2RP <sub>p</sub> da da	0.183	0.169	
2RP <sub>p</sub> num num	0.250	0.390	
2RP <sub>p</sub> eu eu	0.166	0.177	
2RP <sub>p</sub> essi essi	0.181	0.326	
2RP <sub>p</sub> tem tem	0.260	0.187	
2RP <sub>p</sub> ca ca	0.295	0.284	
2RP <sub>p</sub> ca ca	0.197	0.280	
2RP <sub>p</sub> eli eli	0.284	0.262	
3RP <sub>p</sub> dum dum dum	0.286	0.307	0.291
3RP <sub>v</sub> u u u	0.236	0.440	0.111

Analisando os resultados da duração obtidos para CR observa-se que em um total de 13 eventos ocorre diminuição na duração em nove deles e aumento em quatro. É importante salientar que para as duas repetições triplas (em palavra e vogal), a duração aumenta da primeira para a segunda RP e diminui da segunda para a terceira RP. Nas duas RPs de vogais o padrão da diminuição manteve-se. Para as RPs duplas em palavras monossílabas observa-se que de oito eventos, três não seguiram o padrão de diminuição. Vale lembrar que em um mesmo enunciado (EN17)<sup>6</sup> foram verificadas duas RPs do mesmo tipo, (2RP<sub>p</sub> ca ca). No entanto, a duração variou, diminuindo na primeira

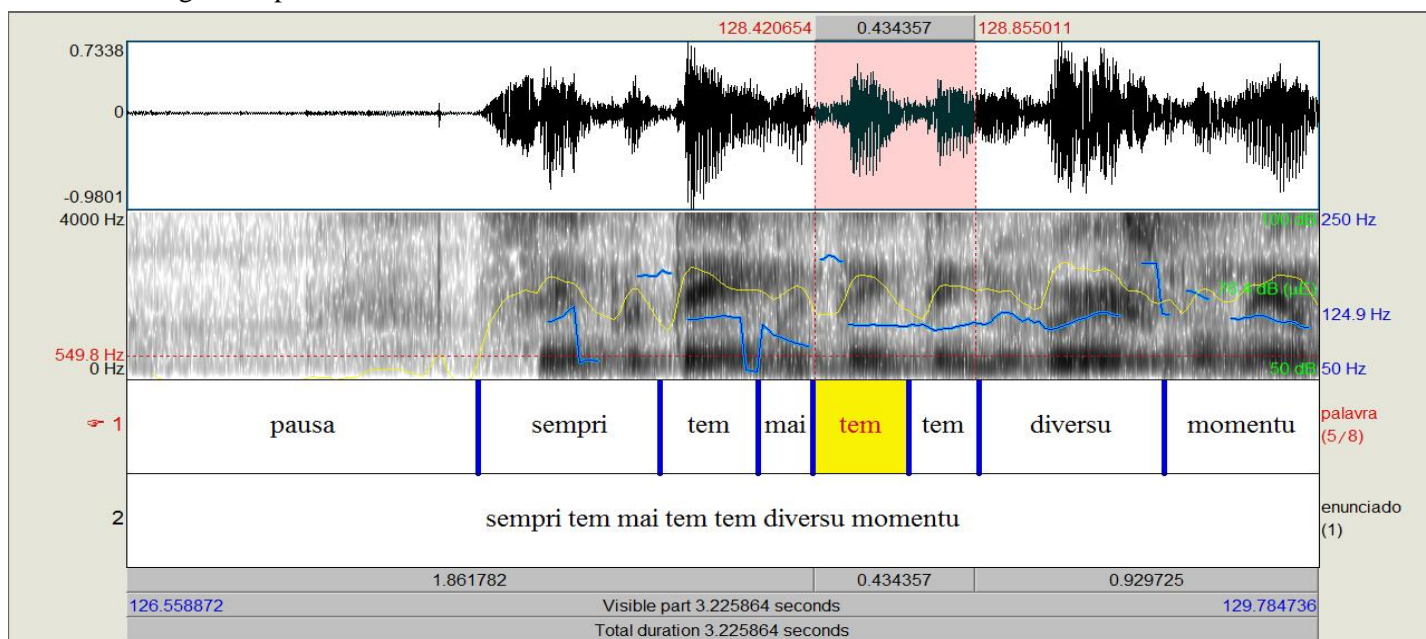
<sup>6</sup> A marcação EN refere-se ao número do enunciado que pertence a RP.

ocorrência e aumentando na segunda. Mesmo não havendo uma padronização, nota-se que a diminuição da duração ocorreu em 69% dos casos, o que é significativo.

Em relação à intensidade, observamos o que ocorreu entre os segmentos repetidos. Primeiro, levamos em consideração a modificação da intensidade no período da sua transição, isto é, da passagem de um evento fluente (anterior ao disfluente) para o disfluente (comum e gaga). Vale lembrar que quando a RP ocorre em início de enunciado (como nas duas RPs “*pra pra*” – EN22 e EN 30), não há evento anterior e, portanto, intensidade na transição. Para as repetições das vogais (“*a a*” EN 16 e “*u u u*” EN 20) ocorre uma diminuição da intensidade na transição. No entanto, para a RP tripla de vogal, há um aumento da intensidade da primeira para a segunda RP. Para as palavras monossílabas (“*da da*” EN6; “*num num*” EN8; “*eu eu*” EN10; “*tem tem*”; EN15; “*ca ca*” EN17; “*ca ca*” EN17) há uma diminuição da intensidade. E, para as RPs dissílabas, esse padrão varia. Em “*eli eli*” (EN 7) há uma diminuição, já em “*essi essi*” (EN14) ocorre o inverso. Para a repetição tripla em monossílabo (“*dum dum dum*” EN5) há uma diminuição da primeira para segunda e um aumento da segunda para a terceira RP. O que mostra uma tendência para o abaixamento<sup>7</sup>.

Quanto a anotação para o padrão da intensidade inicial, em 84% dos casos há uma diminuição na intensidade entre as RPs. Em relação à intensidade máxima, em 69% dos casos ocorre o abaixamento da intensidade. Já para intensidade final somente em 46% dos casos há uma diminuição na intensidade. Veja um exemplo em que ocorre o padrão descrito.

Figura 1- Exemplo de abaixamento da intensidade durante a transição e inícios de segmento para o informante CR.



A figura 1 representa o enunciado 15 “*sempre tem mai tem tem diversu momentu*”. O evento repetido “*tem tem*” aparece selecionado na figura rosa. A intensidade está representada pela linha amarela. A seleção mostra o padrão de abaixamento da intensidade, no momento da transição de um evento para outro.

<sup>7</sup> Por questões de espaço as tabelas referentes aos valores da intensidade não serão apresentadas.



Seguindo o mesmo processo de análise feito para CR, em PA, quanto à duração, foram observados os seguintes resultados.

Tabela 2 – Os tipos de repetição ocorridos para PA com as suas respectivas durações.

<b>Tipo de repetição</b>	<b>Duração</b>				
2RP <sub>pl</sub> <b>qui qui 2 d</b>	<b>0.199</b>	<b>0.168</b>			
2RP <sub>p</sub> <b>di di 4 d</b>	<b>0.480</b>	<b>0.285</b>			
2RP <sub>pl</sub> <b>vai vai a</b>	<b>0.229</b>	<b>0.242</b>			
2RP <sub>p</sub> <b>fu fu 17 A</b>	<b>0.094</b>	<b>0.142</b>			
2RP <sub>p</sub> <b>da da 20 D</b>	<b>0.299 (s/s)</b>	<b>0.59</b>			
2RP <sub>p2</sub> <b>uma uma 26 D</b>	<b>0.201</b>	<b>0.072</b>			
RP <sub>s2</sub> <b>mi minha 9 D</b>	<b>0.239</b>	<b>0.095</b>			
2RP <sub>v</sub> <b>i i 28 D</b>	<b>0.120</b>	<b>0.047</b>			
RP <sub>si3</sub> <b>ci-ciumenta 15 D</b>	<b>0.304</b>	<b>0.175</b>			
RP <sub>pi</sub> <b>ma mais 3 D</b>	<b>0.106</b>	<b>0.053</b>			
3RP <sub>l</sub> <b>eu eu eu 11</b>	<b>0.146</b>	<b>0.198</b>	<b>0.081</b>		
3RP <sub>p</sub> <b>si si si 14 D A</b>	<b>0.164</b>	<b>0.109</b>	<b>0.120</b>		
4RP <sub>v</sub> <b>i i i i 6</b>	<b>0.119</b>	<b>0.164</b>	<b>0.155</b>	<b>0.234</b>	
4RP <sub>v</sub> <b>é é é é 8</b>	<b>0.133</b>	<b>0.123</b>	<b>0.188</b>	<b>0.175</b>	
5RP <sub>p</sub> <b>da da da da da 37</b>	<b>0.231</b>	<b>0.179</b>	<b>0.085</b>	<b>0.184</b>	<b>0.060</b>

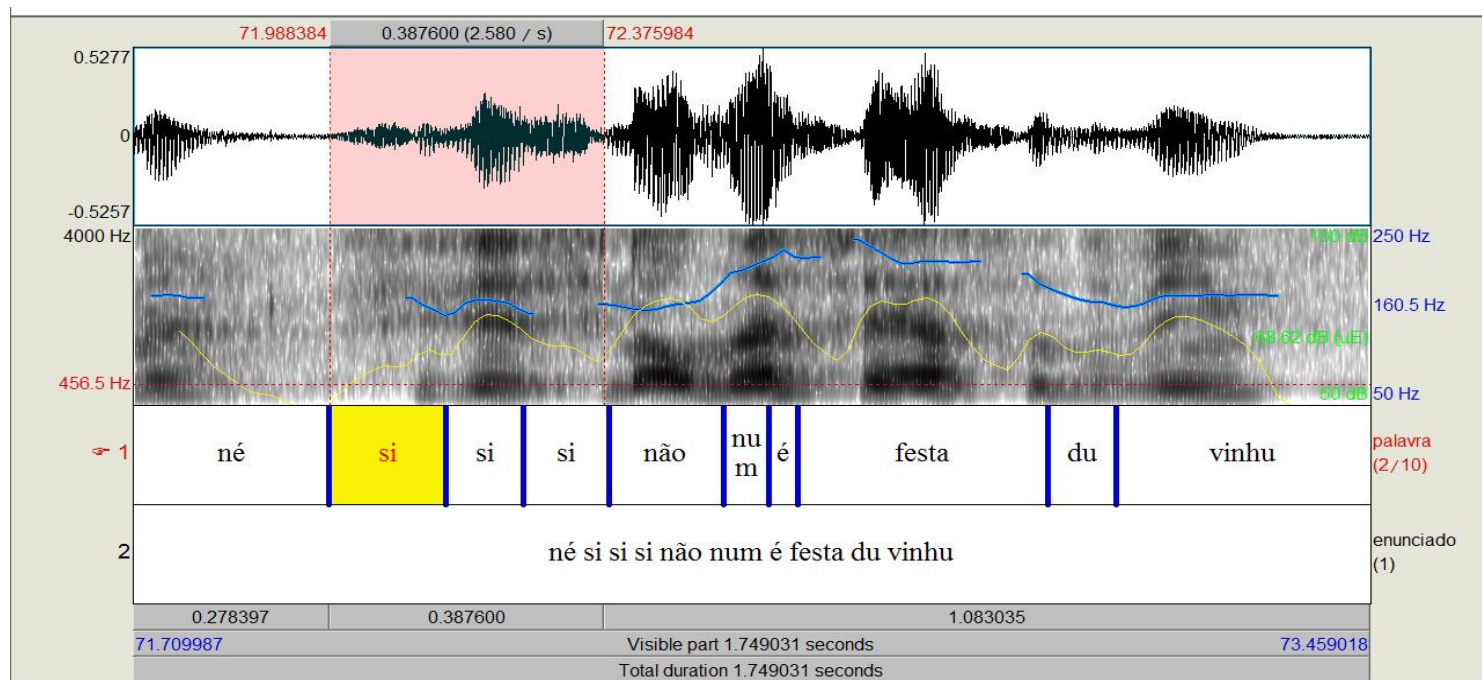
Em PA verifica-se que para seis repetições duplas de palavra monossílaba, em três delas ocorre um aumento na duração das RPs, o que representa um total de 50%. Para as palavras de mais de uma sílaba (“*ci-ciumenta*” EN15, “*mi minha*” EN9, “*ci-ciumenta*” EN15) há um aumento da intensidade apenas para a RP do EN9. É válido esclarecer que para a RP em EN15, não medimos a duração para a palavra inteira (“*ciumenta*”), mas sim para o evento que se repetia, o início da sílaba. A diferença entre um segmento e outro se deve ao fato do informante PA ter sofrido um bloqueio no início da produção de “*ci*”. Para a RP dupla de vogal, também houve uma diminuição da intensidade. Como pode ser observado na tabela 2, para as disfluências de três e cinco palavras, os padrões variam de um segmento para o outro entre diminuição e aumento da intensidade. Mas o que se observa é que da primeira para a última produção de RP há uma diminuição da duração. Apenas para as RPs quádruplas ocorre um aumento na duração. Assim, levando em consideração para as disfluências de mais de três repetições, a variação da última palavra repetida para a primeira, nota-se que em 15 casos 11 apresentaram diminuição na intensidade. O que gera um total de 73%.

Quanto à intensidade, ainda seguindo o mesmo tipo de análise feita para CR, observamos os seguintes casos. Na transição da intensidade de um evento fluente para o disfluente houve diminuição da intensidade em seis eventos. Vale lembrar que em três RPs (“*ci-ciumenta* EN15”, “*eu eu eu* EN11” e “*i i i i* EN6”) ocorreram no início do enunciado. Desconsiderando então as três RPs em início de enunciado (portanto 12 RPs), a diminuição da intensidade na transição ocorreu em 50% dos casos. No início das repetições para vogais, palavras monossílabas, e repetições de sílaba inicial em palavras dissílabas e trissílabas, a intensidade diminui em 50% dos eventos. Já nos casos em que há mais de duas repetições, a intensidade varia. Mas, se olharmos apenas para o

primeiro e último evento disfluyente, observamos que há uma tendência ao aumento da intensidade. Quanto à intensidade máxima, nos 15 eventos disfluentes oito apresentaram uma diminuição na intensidade, o que dá um total de 53%. Por sua vez, para a intensidade final, apenas em 26% dos casos houve uma diminuição da intensidade.

Veja o exemplo a seguir que mostra, para o informante PA, em que o abaixamento da intensidade durante a transição de um evento para o outro.

Figura 2- Exemplo de abaixamento da intensidade durante a transição e início de segmento para o informante PA.



O evento repetido vem selecionado em rosa e refere-se ao enunciado EN14 “né si si si si não num é festa du vinhu”. A linha representativa da intensidade é a amarela.

#### 4.2 Comparação dos resultados

Como vimos, o informante CR (não gago) apresentou, em 34 enunciados, 15 eventos disfluentes. Já o informante PA (gago), em 38 enunciados, apresentou 33 momentos de disfluências gaga. Percentualmente, temos 44% de disfluência comum e 87%, aproximadamente, de disfluência gaga. Fato que por si só indica a diferença entre um tipo de fala e outro. Ou seja, é possível diferenciar um informante com disfluência comum de um com disfluência gaga a partir da quantidade de ocorrências de disfluências. Além disso, mesmo que não tenhamos levado em consideração para esta análise, as RPs complexas, fica claro que elas são mais constantes na fala gaga.

Em relação aos fenômenos acústicos, a análise da duração mostrou que há uma tendência à diminuição da duração do primeiro para o segundo evento repetido, tanto para CR quanto para PA. Quanto à análise da intensidade, a sua anotação no momento de transição de um evento fluente, para um evento repetido, ou entre eventos disfluentes, análise da intensidade inicial e máxima também mostrou uma tendência à diminuição da intensidade em CR. Para PA, essa propensão ao abaixamento da intensidade foi menor, mas, no geral, também se manteve. Para CR esse fenômeno ocorreu em mais de 50% dos eventos e para PA em 50% deles.

Em relação à intensidade final, ocorreu uma inversão desse padrão, pois tanto em CR quanto em CA a tendência foi ao aumento da intensidade

Sabemos que esses resultados ainda não são suficientes para chegarmos a um resultado satisfatório. No entanto, eles nos revelam que, na maioria das vezes, nos momentos de disfluências, seja comum ou gaga, os falantes têm a propensão a aumentar a velocidade de fala no “erro” e diminuir o esforço (intensidade) durante a transição de um evento fluente para o não fluente e, entre os disfluente, bem como para intensidade inicial e máxima. Já para a intensidade final ocorre o contrário.

Diante desses resultados, a nossa hipótese é que os momentos de disfluência devem-se a algum problema durante a articulação dos sons. Nesses momentos, pode ter ocorrido um erro de programação antes da articulação da produção das sílabas (CAGLIARI, 2007: 141). Dessa maneira, a diminuição da intensidade e o seu posterior aumento, assim como a diminuição da duração, podem funcionar como uma estratégia de recuperação do ritmo por parte dos informantes. Segundo Cagliari, o ritmo caracteriza-se por uma simetria, “uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares” (Cagliari, 2007: 132). A repetição, de acordo com o autor, é uma propriedade fundamental para a percepção do ritmo. Para o autor, a repetição é a segmentação do contínuo do movimento da fala em pedaços. “Esses pedaços ou unidades rítmicas obviamente, possuem uma duração que pode ser medida e controlada pelo observador e, portanto, podem ser comparadas com a expectativa que se tem delas”<sup>8</sup> (Cagliari, 2007: 132-133). Conforme Cagliari (2007), não há um parâmetro que gere o ritmo na fala, sendo manifestado pelos elementos que apresentam momentos de redução e hesitação na dinâmica da fala.

## 5. CONCLUSÃO

As conclusões aqui apresentadas ainda são parciais. Como dissemos, o trabalho encontra-se em fase de desenvolvimento, e as análises precisam ser mais detalhadas. No entanto, até o momento, consideramos que a diminuição da intensidade e duração seria uma estratégia definida para a recuperação da fluência para os dois informantes. Os desvios, aqui representados pelas repetições, tanto na fala do informante gago CR, quanto na fala do informante PA, representam uma quebra na estrutura rítmica no momento da articulação dos sons, gerando as disfluências gaga e comum.

Além disso, comparação feita entre os dois informantes também mostra que fenômenos linguísticos como a repetição ocorrem tanto em uma fala gaga quanto em uma fala caracterizada como fluente, livre de patologias. Desse modo, não podemos considerar esse evento como um erro. De acordo com Merlo (2006: 24), as disfluências atuam “[...] justamente para manter a fluência, na medida em que auxilia o falante a produzir enunciados mais precisos e coerentes com sua intenção comunicativa”. Assim, distanciar os dois tipos de fala não é o caminho mais adequado. Esses dois tipos de fala caracterizam discursos em construção, que a qualquer momento podem ser quebrados, ou por uma falha na articulação ou simplesmente por uma questão estilística. Para Scarpa (2006, p. 12), os

[...] trechos fluentes são os já ajeitados, conhecidos, analisados ou, na grande maioria dos casos, congelados, vêm em bloco. Os disfluente são aqueles em construção, instáveis, com tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos; supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado.

---

<sup>8</sup> Essas unidades são, de acordo com o autor, as sílabas, as moras, os pés e intervalos, o grupo tonal, as pausas, o impulso e o repouso, *icto* e *rêmis* e, *ársis* e *tésis*.

É claro que não podemos esquecer, como afirmam Carneiro e Scarpa (2012), a singularidade de cada um desses modos de falar. Parafraseando as autoras, podemos dizer que, da diferença surge um igual: “são iguais [...] à coocorrência de episódios gaguejantes e episódios não gaguejantes no mesmo acontecimento de fala e quanto à heterogeneidade e imprevisibilidade dos sinais linguísticos nela presentes” (Carneiro; Scarpa, 2012: 164). Mas, também são diferentes, isto é “Os sons estranhos à língua não são os mesmos; assim como não são os mesmos os contextos fonológicos em que ocorrem” (Carneiro e Scarpa 2014: 164).

Falar do que é contrário, desviante da estrutura cristalizada também gera uma forma de preconceito, que submete o outro ao isolamento. O que é diferente ou, nos termos de Scarpa e Carneiro (2012), heterogêneo, deve ser visto como singular, já que é algo incontrollável, que pode acontecer, entre outras coisas, por uma falha em algum ponto da articulação que leva à quebra da estrutura rítmica.

## REFERÊNCIAS

- Abercrombie, David. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh, Edinburgh University Press, 1967.
- Boersma, Paul.; Weenink, David. **Praat: doing phonetics by computer**. Versão 5.1 [Computer Program]. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>, 2009.
- Cagliari, Luiz. Carlos. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo, Paulistana, 2007.
- \_\_\_\_\_. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**. (UNICAMP), Campinas, v. 23, p. 137-151, jul/dez. 1992.
- Cruttenden, Alan. **Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- Carneiro, Célia R.; Scarpa, Ester. Singularidades nas manifestações de fala gagas. In: **Cadernos de estudos linguísticos** (UNICAMP), Campinas, v, 54.1, p. 155-156, 2012.
- Halliday, M. A. K. **A course in spoken english: Intonation**. London: Oxford University Press, 1970.
- Jakubovicz, Regina. **A gagueira: teoria e tratamentos de adultos e crianças**, Revinter, Rio de Janeiro, 1992.
- Jakobson, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1995.
- Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2009.
- Merlo, Sandra. **Dinâmica temporal de pausas e hesitações na fala semi-espontânea**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- Scarpa, Ester, Mírian.; Fernandes-Svartman, Flaviane. A estrutura prosódica das disfluências em Português Brasileiro. **Cadernos de estudos linguísticos** (UNICAMP), Campinas, v. 54.1, p. 25-40, 2012.
- Scarpa, Ester, Mírian. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: Lier-de Vitto, M. F. (Org.). **Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem**. 1ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, p. 161-180, 2006.